

SEMINÁRIO UNIVERSIDADE SOCIEDADE

SEMANA KIRIMURÊ 2012
31/10 - 01/11 • CACHOEIRA - BAHIA



A VIVÊNCIA EM REPÚBLICAS UNIVERSITÁRIAS: ABARCANDO DIVERSIDADES E CONSTRUINDO TRAJETÓRIAS

Georgina Gonçalves dos Santosⁱ, Greyssy Kelly Araujo de Souzaⁱⁱ, Larisse Miranda de Britoⁱⁱⁱ, Amanda Oliveira Cruz^{iv}, Cristiane de O. Xavier Machado^v

A entrada na vida universitária é cheia de vivências novas e importantes, pois é um momento em que experimentamos o início de nossa autonomia e maior liberdade, e ao mesmo tempo, um estado de (in) definição. Morar em repúblicas estudantis é uma das experiências mais marcantes da vida que se inicia quando entramos numa universidade. Saímos da casa de nossos pais acostumados a um tipo de convivência muito diferente daquela que encontramos nesses espaços onde coabitamos com pessoas desconhecidas, vindas de diferentes lugares e que trazem para o espaço coletivo modos de convivência diversos.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como algumas estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) vivenciam suas experiências de agregadas¹ ou moradoras² numa espécie de república estudantil, que chamamos de “República d’Abarca”. Tentamos através das narrativas das estudantes que dividem o mesmo ambiente de convivência, discutir sobre suas experiências neste novo espaço de socialização, e como estas experiências podem ser marcantes para o processo de afiliação (Coulon, 2008) a este

¹ Consideramos os agregados como moradores quase fixos, mas que tem outro lugar para ficarem, eles tem casa. Estes, mesmo participando das coisas da república, não pagavam as contas fixas como água, luz, mas sempre que podiam contribuíam com alguma coisa, ou pelo menos deviam contribuir.

² Por moradores, entendemos os estudantes fixos que além de se responsabilizarem pelas contas e manutenção da casa, tem como principal atribuição por ordem na “bagunça”.

novo lugar - a universidade. O olhar sobre este fenômeno nasce a partir da inserção das moradoras da República D'Abarca no Observatório da Vida Estudantil (OVE/UFRB), grupo que atua na UFRB desde 2009 desenvolvendo pesquisas sobre diversos aspectos da vida universitária.

Segundo Coulon (2008), para a permanência do estudante neste universo até então não familiar, marcado inicialmente pelo tempo de estranhamento³, é fundamental que esteja articulado, que tenha traçado estratégias tanto para se aproximar/interagir com os outros estudantes e grupos que se identifica, quanto para aprender a lidar com as regras e burocracias da universidade. Assim, ser um estudante significa, além de frequentar as aulas e realizar as atividades acadêmicas, sobretudo dialogar, interagir com os outros estudantes, permitindo que ao se reconhecer entre seus iguais, o estudante entenda que a universidade é um lugar que pode ser comum, que faz parte do seu mundo, do mundo dos seus iguais.

Neste trabalho, o grupo focal se fez metodologia central para obtenção dos dados. Assim, para a construção desta narrativa nos reunimos como fazemos rotineiramente para conversar sobre nossas trajetórias, buscando revivê-las. Como não poderia ser diferente, fizemos deste momento uma festa, esquecemos a presença do gravador e invadimos a madrugada com uma divertida reunião regada a vinho e chá. Utilizamos o gravador para que nossas falas não fossem perdidas, entretanto, o fato de escutá-las, no momento da escritura do texto, nos causou certo estranhamento, pois parecia que estávamos utilizando nossas falas como dados de uma pesquisa, sem saber direito em qual lugar nos colocarmos. Lendo a primeira versão, nos pareceu que o texto era uma produção de alguém que analisava nossa casa e nossa movimentação nela; não parecia que éramos nós falando sobre nós mesmos. Depois de muita conversa, encontramos uma versão que nos pareceu mais verdadeira, pois tentamos imprimir nela nossos sentimentos relativos às vivências, aventuras e desventuras de jovens estudantes universitárias, e não somente os dados.

Para a escrita deste trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, representado pela Etnometodologia (Garfinkel, 1967; Coulon; 1993; 1996;

³ É o tempo no qual o estudante adentra num universo desconhecido, cujas instituições rompem com o mundo familiar que eles acabam de deixar, simbolizando a ruptura com seu passado recente. De acordo com Coulon (2008), mais dois tempos fazem parte do processo de afiliação, estes são o *Tempo de Aprendizagem* que segundo o autor remete ao momento em que se inicia a adaptação, são traçadas as estratégias para lidar com o “universo estranho”, e por fim o *Tempo de Afiliação*, onde o estudante torna-se de fato um membro da universidade, este tempo ocorre através de dois momentos, o da Afiliação Institucional (compreender as regras) e da Afiliação Intelectual (corresponder/perceber as competências intelectuais requisitadas).

2008; Santos, 2007) – que comprehende os indivíduos como autores que vivenciam e modificam a realidade ao seu redor, através de suas interações diárias nesse contexto, e ao invés de buscar explicações para seus comportamentos, privilegia as descrições do ambiente de atuação destes autores e as interpretações que fazem acerca dos fatos sociais, como perspectiva teórico-metodológica que nos inspirou na construção do trabalho e do mesmo modo nos possibilitou a análise dos dados.

A experiência de viver o novo e o inusitado é algo cotidiano e, portanto, rotineiro. Assim, foi a partir da desconstrução das antigas formas de vivências, que construímos essa nova experiência concretizada na Republica d'Abarca. As pessoas que a compunham eram, a princípio, as mesmas das vivências anteriores, foi uma espécie de junção de repúblicas, mas agora de maneira diversa, apenas três de nós viviam todos os dias na casa, aos poucos algumas pessoas foram saindo, segundo elas pela grande circulação de diferentes pessoas na casa, e mais ainda pelo caráter boêmio que nela se instalou. Essas saídas não representaram, entretanto, o rompimento de todos os laços, alguns deles ainda permanecem vivos.

Claramente, a convivência neste tipo de lugar não parece fácil, e nem é. Entretanto, com o passar do tempo, descobrimos que desfazer e refazer convivências no ambiente estudantil significa, também, conviver com novos e diversos hábitos, construir novos laços tanto de amizades como o próprio contato com outras realidades, pois, a moradia é questão central e que dá suporte a vida na universidade, não só por reduzir custos, mas porque materializa o desejo de estar junto, de reunir a galera, conhecer discursos e discussões diversas. Com a convivência percebemos também que, numa casa onde o seu cotidiano implica o intenso “entra e sai”, se faz necessário pensar em regras que, para além das moradoras, implicasse do mesmo modo os seus agregados, pois, como bem aponta Macedo (2010, p.58) *“não são as regras que criam e sustentam a vida em grupo, mas é o processo social de vida grupal que cria, mantém e legitima as regras.”* Logo, pesado de forma etnometodológica a legitimação de uma norma/regra depende de um constante processo de reinterpretação que acontece na forma de ação cognitiva dos sujeitos implicados.

A República d'Abarca significa para nós não apenas local de moradia, mas também, espaço para discussões e de experimentar autonomia e liberdade. Imprimimos nela a nossa maneira de pensar o mundo, fizemos dela a nossa casa, pensada para nós e para os outros amigos universitários ou não. Deste modo, cachoeiranos, tucanenses, feirenses, sangonçalenses, santoestevenses, pernambucanos, paraibanos, dentre tantos outros, passam

por ela com freqüência e comungam conosco da experiência (extra) ordinária que é o cotidiano em uma república de estudantes.

A convivência em repúblicas propicia um aprendizado que é fundamental ao nosso amadurecimento enquanto sujeitos. Aprende-se a conhecer e a compreender o outro e tudo isso de uma forma muito intensa, pois lidamos com suas experiências, com suas histórias de aventuras e desventuras que, em algum momento, se confundem com as nossas próprias vidas. Aqui não aprendemos apenas a ser estudantes, com todos os códigos e processos que a formação demanda, aprendemos, para além disto, que a vivência em repúblicas universitárias nos torna mais cúmplices e é uma espécie de remédio contra o individualismo, nos auxiliando a construir nossas trajetórias de vida.

REFERÊNCIAS

COULON Alain. *A Condição de Estudante*: a entrada para vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

HERITAGE. John C. Etnometodologia. In: GIDDENS, Antony & et al. Teoria Social hoje. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP, 1999, p. 321-192.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa- Formação*. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

PAIS, José Machado. Lazeres e Sociabilidade Juvenis- *um ensaio de análise etnográfica*. In: Análise Social, vol. XXV, 1990, (4º e 5º), p. 591-644. Disponível em:
[<http://anilisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034680R2wZZ4cf6TI39AV5.pdf>](http://anilisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034680R2wZZ4cf6TI39AV5.pdf)

ⁱ Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Bolsista de Produtividade CNPq. E-mail: georgina@ufrb.edu.br

ⁱⁱ Estudante do 6º Semestre do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq e agregada d'Abarca. E-mail: greyssy.araujo@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Estudante do 8º Semestre do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq e moradora d'Abarca. E-mail: lary.brito1@hotmail.com.

^{iv} Estudante do 5º Semestre do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, e moradora d'Abarca. E-mail: amanda.amaddinha@hotmail.com

^v Bacharel recém graduada pelo curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Artes Humanidades e Letras. E-mail: cristianeoxm@hotmail.com.